



Dana Rush *

VODUN: ARTES E CULTURAS AFRO-LUSO-BRASILEIRAS EM OUIDAH, BENIN

Durante séculos, a costa do Benin, antigo Daomé, vem funcionando como um vórtice que atrai para seu centro tudo aquilo que lhe cruza o caminho.¹ Esse contínuo fenômeno “vortextual” deu origem a um mosaico que, resistindo aos séculos e se formando no acúmulo de povos, espíritos, idéias, histórias, linguagens e sistemas de visões de mundo internacionais, transcontinentais e transocênicos, encontra sua manifestação nas artes e consciências religiosas do vodun.² As artes do vodun documentam suas histórias. Através da busca das origens de palavras, símbolos, imagens, cerimônias e outras formas de expressão inerentes às artes do vodun, séculos de influências externas revelam-se como partes constitutivas do vodun contemporâneo, cujas origens se perdem, por vezes, em suas próprias criações. O vodun é um testemunho da força e da flexibilidade de um sistema de crenças que continuamente se adapta, ajusta, inventa, reinventa e modifica. Dentro do sistema religioso do vodun há opções infinitas providas de infinitas fontes que, enfim, formam, reformam e transformam suas artes e consciências.

Um dos aspectos desse fenômeno “vortextual” pode ser visto no caráter afro-luso-brasileiro das culturas e artes do vodun. Há registros antigos e bem documentados dos persistentes efeitos da presença afro-brasileira

na África em termos de história, língua, arquitetura, religião, representação, culinária e outras tradições.³ O presente artigo aprofunda esses registros oficiais através da abordagem das “concepções” de Portugal e Brasil dentro da constante mutação que caracteriza o sistema religioso do vodun. Ou seja, como elementos intrínsecos a Portugal e ao Brasil se perpetuam na existência orgânica do vodun e suas artes?

Os exemplos a seguir apresentados demonstram que a costa beninense é uma região onde a troca de histórias, idéias e sistemas de crenças se atualiza em formas artísticas; onde a procissão dos presentes portugueses transformados em vodun marca a abertura da temporada de culto; onde o vodun da afro-euro-brasileira família de Souza representa uma mescla de folclore local e estrangeiro; onde os mascarados do Bouriyan afro-brasileiro não apenas celebram os elementos tradicionalmente associados a essa festa, mas também incorporam ao vodun espíritos provindos de cromolitografias estrangeiras.

Há inúmeras maneiras de abordar e compreender o sistema religioso do vodun: nenhuma está errada, nenhuma está certa. O próprio vodun confirma e nega cada interpretação. Ele pode, porém, ser compreendido. A compreensão da potencialidade da miríade de componentes que o integram – povos, espíritos, histórias, idéias e crenças – é essencial à compreensão do

potencial bruto inerente ao multiforme sistema religioso e artístico do vodun.

O vodun afro-português

Os primeiros europeus a chegar ao Benin foram provavelmente portugueses. Embora não haja consenso no que se refere ao ano do primeiro contato europeu na costa de Ouidah, aceitam-se geralmente duas datas, entre as quais há uma discrepância de trinta anos. A maioria dos historiadores crê que a chegada dos primeiros europeus não poderia ter sido anterior a 1580 (Assogba 1990:8). Entretanto, conforme a história local, ela teria ocorrido em 1548 – e esse primeiro contato, que supostamente transcorreu em Ouidah entre um homem chamado Kpate e um capitão português, é muito importante não só do ponto de vista histórico, mas também do espiritual.

Segundo a história local, num dia de 1548, na época do Rei Kpassé, Kpate estava na praia pescando siris com seu amigo Zigbo quando viu um grande barco. Kpate, que já havia feito contato com europeus em Popo, tirou sua tanga de ráfia, amarrou-a na ponta de uma vara e acenou para o barco. Ao perceber o sinal do pescador, o capitão mandou alguns homens à praia, onde Kpate os recebeu.

Quando Zigbo viu os homens que chegavam à praia, fugiu espavorido, gritando “*Zo-je-age*” (zo= fogo, vermelho; je= chegar, age= praia) – o que é traduzido do fon pelo chefe da família Kpate como “o fogo chegou à praia”. Como zo também significa “vermelho” em fon, a frase faz uma alusão direta à pele vermelha (fogo) dos recém-chegados portugueses. Ou, como prefere o historiador Casmir Agbo, *zo-dja-gué*, significa “seres luminosos chegaram do oceano; encarnados e brilhantes como o fogo” (1959: 17).

Kpate convidou os recém-chegados à sua casa, onde lhes ofereceu suco de laranja feito na hora, comida quente e pouso. Alguns dias depois, Kpate acompanhou seus novos amigos portugueses até a praia, de onde eles retornaram à Europa. Kpate morreu logo após esse incidente. Alguns anos mais tarde, o capitão português voltou a Ouidah trazendo presentes para Kpate em retribuição à calorosa recepção que este

lhe oferecera. Após inteirar-se da morte do pescador, o capitão entregou os presentes que trouxera – pratos, copos, cachimbos, terços, tecidos variados, uma bengala, um chapéu e outros objetos – ao novo chefe. Atualmente, a família ainda conserva os lampiões, tecidos, terços, chapéus e alguns antigos pratos de louça.

Embora provavelmente tais objetos – cuja origem se atribui ao século XVI – sejam do século XVIII ou XIX, eles são atualmente vistos como sagrados. Nada impede que incontestavelmente abriguem em si o espírito desse famoso primeiro encontro. O potencial presente nesses objetos vai muito além da exatidão de sua data e local de fabricação. Na verdade, neste caso, a procedência tem pouquíssimo que ver – se é que tem – com eficácia e poder.

Mesmo que esses pratos não sejam do século XVI, o espírito contido neles é do século XVI, e isso é importantíssimo.

A primeira cerimônia celebrada todos os meses de dezembro em Ouidah para marcar o início da temporada e exaltar toda a presença do vodun no local era dedicada a Dangbe, serpente sagrada, vodun fundador e protetor da cidade. Entretanto, após o encontro entre Kpate e os portugueses, o Vodun Dangbe recusou-se a ser o primeiro homenageado e insistiu em outorgar essa honra a Kpate. Este foi então deificado e passou a ser conhecido como o vodun do primeiro encontro entre beninenses e portugueses. O nome vodun do chefe da família Kpate tornou-se desde então Kpatenon. A terminação *-non*, quando acrescentada a um nome, significa “dono de” ou “aquele que possui”, e assim Kpatenon tomou-se o “dono” ou “aquele que possui” o espírito de Kpate, seu ancestral deificado (entrevista com Kpatenon, 12/94).

Em homenagem ao primeiro encontro entre Kpate e os portugueses na costa de Ouidah, a cerimônia que marca a abertura da temporada do vodun tem início com uma rodada de suco de laranja, que é bebido por todos os membros da família e convidados presentes para lembrar a bebida servida por Kpate a seus hóspedes, séculos antes, ao recebê-los em sua casa. Oferece-se o suco também à terra e fazem-se alguns sacrifici-

os, entre eles o de um porco. Em seguida, os objetos sagrados são levados em procissão pelas ruas para que as bênçãos recaiam sobre toda a cidade. Nesta altura – após a cerimônia e a procissão dos objetos – a temporada do vodun oficialmente começa em Ouidah. O encontro entre Kpate e os portugueses foi o início de uma série de séculos de interações e trocas com os europeus dentro e fora de Ouidah, a qual se prolonga até o presente.

Vodun afro-brasileiro

Segundo pelo mesmo quarteirão onde está a casa de Kpate e virando a esquina, chega-se à propriedade de de Souza. Dom Francisco “Cha Cha” de Souza I tornou-se um personagem algo mítico da história de Ouidah. Foi inspirado nele que o inglês Bruce Chatwin escreveu *The Viceroy of Ouidah*,⁴ em cujos elementos o cineasta Werner Herzog, por sua vez, baseou-se parcialmente para fazer o filme *Cobra Verde*.

De ascendência portuguesa e ameríndia, o mestiço de Souza nasceu no Brasil em 1754 e morreu em Ouidah, Daomé, em 1849. Logo após sua chegada à cidade, em 1788, envolveu-se no tráfico transatlântico de escravos. Sua influência se estendia desde Badagry (Nigéria) até Aného (Togo). Já estabelecido no tráfico negreiro, de Souza entrou em séria desavença com o Rei Andandozan, que reinou no Daomé de 1797 a 1818, a propósito do tráfico no porto de Ouidah e acabou sendo condenado à prisão. Foi o sucessor iminente de Andandozan, Gankpé (cujo nome passou a ser Gezo após a coroação), quem ajudou de Souza a fugir para Aného. De lá, de Souza ajudou Gankpé a destronar Andandozan, dando ensejo à coroação do famoso Rei Gezo, que governou o Reino do Daomé de 1818 a 1858. Com isso, de Souza pôde voltar a Ouidah, onde foi nomeado Vice-Rei pelo amigo, com quem trabalhou em parceria no monopólio do tráfico de escravos no porto de Ouidah. No auge de seu envolvimento nessa atividade, atribui-se a de Souza o suprimento de mais de cem navios negreiros na rota entre a costa oeste da África e as Américas (Verger, 1968).⁵

Dan + Dragon = Dagoun

Embora fosse um homem estabelecido, respeitado e temido durante seu mandato de Vice-Rei de Ouidah, de Souza sofria grandes revezes em sua vida pessoal: a morte de seus filhos, as brigas entre suas esposas e o agravamento de seus já sérios problemas. Assim, ele recorreu a seu amigo, confidente e sócio nos negócios, o Rei Gezo. De acordo com a lenda local, o Rei Gezo creditou a má sorte de de Souza ao fato de não adorar o vodun. Este lhe explicou que, por ser devoto do catolicismo, não poderia fazê-lo. Então, juntos, de Souza e Gezo buscaram uma solução na qual o catolicismo e o vodun não precisassem ser mutuamente excluídos.

O Rei Gezo decidiu presentear de Souza com o Vodun Dan Aida Wedo, a serpente do arco-íris, para que tivessem, ele e sua família, saúde, riqueza e felicidade. O rei e de Souza resolveram instalar o vodun não na casa deste em si, mas um pouco abaixo, no mesmo quarteirão, e designar um chefe religioso a fim de mantê-lo para a família de de Souza. Segundo esse plano, de Souza poderia conservar o catolicismo no lar e no estilo de vida e, ao mesmo tempo, contar com a proteção de um vodun que cuidasse dele e de sua família. A serpente do arco-íris o fez lembrar-se do dragão que cuspiu chamas do folclore europeu. Por isso, chamou seu vodun de “Dagoun” (entrevista, Prosper de Souza, 4/95).

Em entrevista com Dagounon (literalmente, o “dono de Dagoun”), o atual chefe do Vodun Dagoun de de Souza, a história original de Dagoun parece ter se tomado mais um “mito”. Eu já havia ouvido muitas versões bem parecidas da história acima relatada, mas a dele só ouvi uma vez. De acordo com essa versão, de Souza sempre levava consigo duas cobras, uma macho e uma fêmea, para onde quer que fosse. As serpentes, que já teriam vindo com ele do Brasil, o protegiam e representavam-lhe os poderes. Certo dia, elas morreram e foram enterradas na floresta próxima a sua propriedade. Três dias depois, surgiu um cupinzeiro no local onde as serpentes haviam sido enterradas. De Souza ordenou que se destruísse o

cupinzeiro. Três dias depois, surgiu outro. Isso continuou até que de Souza finalmente perguntou a seu amigo, o Rei Gezo, acerca do estranho fato. Embora o rei sem dúvida soubesse que no Daomé um cupinzeiro invariavelmente representa o Vodun Dan Aïda Wedo, viajou imediatamente de Abomey a Ouidah com seus adivinhos para que o amigo pudesse fazer uma consulta. Soube-se então que as cobras de de Souza não eram simples cobras, mas serpentes sagradas do Vodun Dan Aïda Wedo que deviam ser veneradas. Assim, ergueu-se um templo que até hoje é mantido onde surgira o primeiro cupinzeiro. Segundo Dagounon, eram essas serpentes que davam a de Souza seu poder e sua riqueza, e o nome Dagoun seria simplesmente aquele que de Souza resolvera dar a seu vodun (entrevista 4/95).

Uma história semelhante, contada por Simone de Souza (1992: 99-101), afirma que, quando chegou a Ouidah vindo do Brasil, Cha Cha de Souza I usava um anel de ouro em forma de serpente com um grande olho de diamante. O povo de Ouidah – que teria duvidado que esse anel raro e valioso fosse apenas uma jóia, pensando que fosse, de fato, símbolo de um vodun brasileiro – associou-o imediatamente à sorte que poderia trazer a serpente do arco-íris do Vodun Dan Aïda Wedo de Ouidah. Assim, conforme essa história, Dan Aïda Wedo tornou-se o vodun associado a de Souza.

Em parte, é o atualmente quase mítico *status* de de Souza que dá margem a essas interessantes variantes sobre as origens de seu Vodun Dagoun, que vão desde uma criouliização do folclore europeu até uma apoteose das serpentes brasileiras companheiras de de Souza e/ou do Vodun Dan Aïda Wedo do anel serpentino de ouro e diamante que se tornou sagrado. Vale à pena ressaltar também que a variação entre as versões é compatível com a indeterminação associada ao vodun. Em ambas as histórias da gênese do Vodun Dagoun de de Souza, o próprio vodun representa uma mistura engenhosa entre a serpente do arco-íris – Dan Aïda Wedo – própria da cultura local, e o dragão do folclore europeu ou as místicas ser-

pentes brasileiras, dando como resultado o afro-euro-brasileiro Vodun Dagoun da serpente do arco-íris, existente apenas em Ouidah.

Assim, temos um exemplo do processo que dá origem a um novo vodun com base num velho modelo, a partir da sobreposição de folclore estrangeiro a um vodun existente. A força e o poder originais do vodun se preservam: com o novo aporte, gera-se um acréscimo, o vodun de base se reagrega e acumula por força de seu perpétuo *momentum* “vortextual”.

Bouriyan Internacional de de Souza

A coroação do oitavo Cha Cha de Souza deu-se em setembro de 1995 e vieram de Souzas de toda a África Ocidental, Europa e Brasil para comemorar. O pano com a imagem do Primeiro Cha Cha foi encomendado para ser comprado, confeccionado e então vestido no evento pelos membros da família e pelos amigos. Um festival carnavalesco afro-brasileiro, o Bouriyan, foi apresentado. Durante a apresentação todo um elenco internacional apareceu e dançou para a família e convidados, incluindo representações mascaradas do Rei Tut, Zorro, Sylvester, George Bush, Jacques Chirac e vários outros personagens e animais típicos do Bouriyan.

Até agora se dizia que Vodun era mantido fora da casa de de Souza. Entretanto, a apresentação do Bouriyan para a coroação do oitavo Cha Cha demonstrou o contrário. Com música de samba estimulando, e o coro cantando o nome dela em Yoruba, o espírito de Mami Wata (também conhecido como Mamiyata) apareceu para dois mascarados.

Mami on kpéé o (Mami, nós estamos chamando você)

MamiWata kowalé (Mami Wata venha para casa)

Kowa charé o (Venha e divirta-se) (de Souza 1992:94).

Assim, esses mascarados Mami Wata, como encarnações de um espírito Vodun, visitaram a casa do católico de Souza, ostentando a mais quente, a mais nova roupa em Ouidah, com a imagem de de Souza reproduzida em

toda ela, e foram aí saudados, recebidos e celebrados em Yoruba. As duas Mami Wata usavam muitas jóias e levantavam com as mãos duas serpentes empalhadas que tinham ao redor da cintura. Esses mascarados Mami Wata, cobras e o resto, procedem de uma cromolitografia do fim do século XIX de um encantador de serpentes de Samoa num circo alemão, normalmente conhecida como “fotografia” de Mami Wata.

Embora Bouriyán não seja, de acordo com com a família de Souza, associado com Vodun, a mascarada Bouriyán da família do católico de Souza integrava um grande festival Vodun na praia em Ouidah. Todos os personagens típicos de Bouriyán acima estavam presentes, mas os dois mascarados Mami Wata eram um pouco diferentes. O primeiro era de novo uma influência dessa famosa cromolitografia do final do século XIX de encantador de serpentes, embora ele tivesse cabelos louros e estivesse usando óculos de sol esportivos. Entretanto, o segundo era diferente. Embora este mascarado seja referido com Mami Wata, ele se baseia numa mistura da cromolitografia do encantador de serpentes de Samoa e numa cromolitografia do deus hindu de três cabeças Dattatreya conhecido no hinduísmo como o “tríplice doador”. Assim, essa assemblage “de Souza – Bouriyán – Mami Wata” é de influência indiana e samoana incamada em um espírito Vodun afro-brasileiro.

No próprio Bouriyán de de Souza encontram-se a influência do carnaval europeu que chegou em Ouidah via Brasil, personagens internacionais, desde o Rei Tut a George Bush, espíritos Vodun louvados em uma canção em yoruba, tudo evidenciando uma assemblage de povos e espíritos samoanos e hindus. O Bouriyán de Souza é um exemplo do redemoinho(?) da – “vortextual” sensibilidade Hindocatólica encontrada nessa área costeira.

As conceituações de Vodun videntes em Portugal e no Brasil demonstram que a costa do Benim é uma terra onde o vai-e-vem de imagens, artistas e espíritos internacionais, persiste e vai continuar sendo assim.

1) Este artigo é baseado numa pré-dissertação a partir de uma viagem de uma viagem de pesquisa à República do Benim no verão de 1993, apoiada pelo Conselho de Pesquisa de Ciência Social, e de uma pesquisa para dissertação desenvolvida no Benim de 1994-1996, apoiada Fullbright IIE, e várias bolsas da Universidade de Iwoa. O artigo se desenvolve a partir de um paper que apresentei para a conferência “Repensando a Diáspora Africana: O Mundo Negro Atlântico na Relação entre o Benim e o Brasil”, abril, 17-18, 1998, que escrevi como pesquisador bolsista do Instituto de Pesquisa Sainsbury da Universidade de East Anglia (1-4/98).

2) O sistema religioso de Vodun é escrito de várias maneiras na literatura (vaudou, vaudoun, voodoo, vodou, vodoun, voodoo). Eu uso a grafia Vodun que deve ser em maiúscula como o são as outras religiões do mundo como Catolicismo, Hinduísmo e Islamismo. Eu uso a palavra Vodun tanto no singular como no plural, feminino e masculino, literal e conceitual.

3) Veja Cultures africaines: Documents de la reunion d'expert sur “Les apports culturels de noirs de la Diaspora à L'Afrique, Coutonou (Bénin), 21-25 mars 1983 (Unesco), para uma coleção de ensaios referentes a esses tópicos.

4) Em todo esse livro o nome de Souza foi substituído por da Silva. Embora partes desse livro sejam de ficção, Chartwick faz um excepcional trabalho de montagem da vida de Don Francisco “Cha Cha” de Souza (1980).

5) Veja de Souza (1992) para uma análise mais profunda da família de Souza.

6) Veja Verger (1968) e de Souza (1992) para mais informação sobre as tradições Bouriyán no Brasil e no Benim.

*** Dana Rush**

Assistant Professor in Art History
at the University of Illinois - EUA